





## Duplo Olhar de Eça de Queirós sobre a China



YAO JINGMING\*



De acordo com Ana Paula Laborinho, “desde o tempo dos Romanos que a China se apresentava como um lugar fabuloso e enigmático, terra feliz e plena de abundância. Mas, a par desta imagem, criou-se o mito de uma sociedade perfeita, reino utópico onde se realizavam as aspirações mais profundas do homem europeu”.<sup>1</sup> E nas narrativas de viagens quinhentistas de João de Barros ou de Fernão Mendes Pinto, a imagem da China era configurada como um espaço utópico e idealizado.

No entanto, a Revolução Industrial, que arrancou na Inglaterra em meados do século XVIII e se estendeu pelos países da Europa Ocidental a partir do século XIX, tornou alguns países europeus em potências mundiais, entre as quais se destacaram a Inglaterra, França, Alemanha e Itália, de modo a alterar profundamente a visão da Europa sobre a China. Depois de ter passado por um período de grande prosperidade, a China vinha a cair em decadência, porém, o imperador e os seus mandarins continuavam a ter uma visão muito limitada sobre o mundo exterior, mantendo o império fechado sobre si próprio, com uma arrogância ignorante e um enorme medo de introdução de quaisquer pensamentos ou conhecimentos novos. Mesmo o comércio com o estrangeiro não era visto com bons olhos. Por isso, os missionários ocidentais tinham muitas dificuldades em penetrar na China,

enquanto que a missão, liderada por MacCarney, de 1792 a 1794, para convencer a China a abrir a porta ao comércio com a Inglaterra, ficou destinada ao fracasso. Em 1840, a comercialização inglesa do ópio na China acabou por provocar a Guerra do Ópio, da qual a China saiu derrotada rapidamente, sendo obrigada a assinar o vergonhoso Tratado de Nanquim. A partir da segunda metade do século XVIII, a China começou a tornar-se cada vez mais depreciada nas narrativas do Ocidente, sendo que a estagnação da sua civilização chegou a ser comparada à “múmia embalsamada”. De facto, a derrota da China na Guerra do Ópio significa uma viragem nas representações imagéticas da China, cuja imagem passou do habitual discurso laudatório para uma série de juízos negativos. Acerca deste império aparentemente forte mas internamente frágil, como um “tigre de papel”, vinha a ser construído um discurso orientalista baseado no eurocentrismo, segundo o qual a China se tornara um país que armazenava todos os males da humanidade. As obras literárias publicadas e distribuídas naquele período, tais como *Les Tribulations d'un chinois en Chine*, da autoria de Jules Verne, *Le Dragon Impérial*, de Judith Gautier, *L'Orient Vierge*, de Camille Maclair, *The Confessions of an English Opium-eater*, de Thomas De Quincey, *Le Jardin des Supplices*, de Octave Mirbeau, *Middle Kingdom*, de Samuel Wells Williams, entre outras, apresentam imagens fortemente depreciativas da China. O império meritório de generosos louvores nos séculos anteriores, passou a ser retratado negativamente, em aspectos diversos de sua cultura e de seus povos, de sua configuração económica e social. O juízo pejorativo de uma China inferior e a descrição negativa sobre as características morais dos chineses começaram a constar, de forma generalizada, em livros referentes à China.

\* 姚京明 Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade de Fudan, Xangai. Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade de Macau. Poeta e tradutor, os seus interesses académicos centram-se na tradução literária e na representação da China na literatura portuguesa.

Ph.D. in Comparative Literature (Fudan University, Shanghai); M.A. in Portuguese Literature (University of Macau). Poet and translator, his academic interests are focused on literary translation and representation of China in Portuguese literature.

## LITERATURA

Também na literatura portuguesa ocorre, como em toda a Europa, uma degradação da imagem da China. Conforme Manuela Ramos, há “a passagem de uma sinofilia à uma sinofobia, nos termos consagrados de René Étiembre”.<sup>2</sup> Os louvores entusiasmados nas narrativas de viagens portuguesas quinhentistas sobre a China deram lugar às descrições negativas. Francisco Maria Bordalo, capitão-tenente da marinha, apesar de ter permanecido pouco tempo em Macau, testemunhou o suficiente para confirmar o discurso dominante do Ocidente acerca das características dos chineses:

“Toda esta gente é muito libidinosa, indolente e sofredora; são óptimos marinheiros, péssimos soldados, zelosos patriotas, incapazes de esquecerem a injúria, e não muito lembrados do benefício.”<sup>3</sup>

A mesma consideração foi partilhada por Camilo Pessanha, que embora se mostrasse apaixonado pela escrita e poesia chinesas, não gostou nada da ideia de ser reconhecido como admirador do povo chinês.

Ao prefaciar o livro *Esboço Crítico da Civilização Chinesa*, do médico J. A. Filipe de Moraes Palha, ele enumerou os males do povo chinês com uma lista incansável de vocabulários pejorativos, evidenciando que “talvez em nenhuma parte do mundo, essa vegetação monstruosa se ostentou tão exuberantemente, irrompendo em um alfobre tão basto e desabrochando em uma tão opulenta floração”.<sup>4</sup> Em relação à arte chinesa, Camilo Pessanha reconheceu

“que a raça chinesa é, pelo menos em relação a algumas das qualidades cujo complexo constitui o senso estético e a aptidão artística, melhor dotada que a nossa e que a vida chinesa é mais penetrada de arte que a nossa;

que, todavia não existe artista chinês que mereça confronto com qualquer dos nossos artistas de génio, nem obra

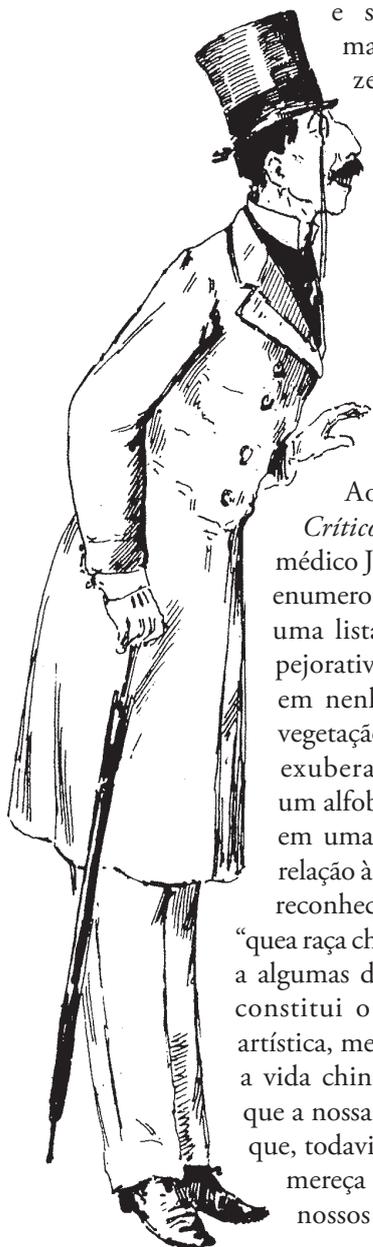
de arte chinesa que mereça ser catalogada de obra-prima”.<sup>5</sup>

Este era o discurso a ser desenvolvido negativamente no Ocidente. A China voltou a ser considerada como um *outro*, que desta vez era inferior, preguiçoso, pouco higiénico, ignorante, astuto, viciado em ópio, tirânico, covarde, supersticioso, cruel, servindo como um espelho para distinguir o *eu*, que representava a superioridade. Era veiculado um largo vocabulário que materializou uma figura negativa da China e dos chineses. A China representava aquilo que era bárbaro, civilizadamente atrasado, o oposto dos valores prezados no Ocidente. A imagem da China, e, em termos genéricos, a imagem do Oriente vai sendo reconstruída por escritores orientalistas a partir de aspectos essencialmente negativos, tal como escreve Edward Said: “O Oriente foi reconstruído, foi montado de novo e habilmente moldado, tendo em resumo, nascido dos orientalistas”.<sup>6</sup> Essa reconstrução, como se percebe nos exemplos literários, é feita a partir de juízos de valores severos, marcados por nítidos preconceitos. Quanto à caracterização do Oriente e do Oriental, destaca ainda Said:

“O conhecimento do Oriente, porque gerado a partir da força, cria num certo sentido o Oriente, o oriental e o seu mundo. Na linguagem de Cromer e Balfour, o oriental é caracterizado como sendo algo que julgamos (como num tribunal), que é estudado e descrito (como num currículo) e que é ilustrado (como num manual de zoologia)”.<sup>7</sup>

As representações do Oriente que percorrem e alimentam o imaginário colectivo do Oriente, sejam elas advindas de julgamentos de valores, de descrições ou de ilustrações, acabam por construir um discurso estereótipo. Em relação aos livros sobre a China, publicados no século XIX, Manuela Delgado Leitão Ramos conclui:

“O estilo dos livros portugueses publicados então, mesmo os que se destacam pela genuinidade de algumas passagens, é também caracterizado pela generalização e pela superficialidade quando abordam a cultura da China, e as características morais do seus naturais: encontram-se repetidamente, em quase todas as obras, as mesmas ideias, apreciações, conclusões que recriam e reforçam alguns estereótipos negativos”.<sup>8</sup>





Foi neste contexto que Eça de Queirós escreveu *O Mandarim*, um “prato” que não escapou ao discurso orientalista estereotipado, cozinhado com “ingredientes” canónicos que representam a visão e o imaginário colectivo que a Europa tinha vindo a construir em torno da China, ao longo do século XIX. Como nunca esteve pessoalmente na China, Eça de Queirós recorreu à leitura de relatos de terceiros, para “condimentar” a sua imaginação ficcional, o que difere da sua descrição de ambientes do Egipto, em *A Relíquia*, derivada directamente da sua experiência e observação pessoais. *O Mandarim*, através da viagem aventureira de Teodoro, conduz-nos a uma China remota e bizarra, onde encontramos o mandarim corrupto, a pobreza, a fome, a crueldade, a confusão política, a gente ingrata, o bando de mendigos, a tortura desumana, os criminosos amarrados uns aos outros pelo rabicho, etc... No fundo, o tema da obra, que não parece original, consiste em responder a uma questão moral bastante discutida durante o século XIX. Em 1802, Chateaubriand formulou esta pergunta: se você pudesse, com um simples desejo, matar um mandarim na China e herdar-lhe a fortuna na Europa, sem que fosse descoberto por alguém, você realizaria esse desejo? Vários escritores participaram na discussão sobre a questão, a qual deveria provocar igualmente o interesse de Eça de Queirós, visto que ele andava sempre preocupado com o problema moral. Por isso, ele escreveu *O Mandarim*, através do qual lançou críticas sobre as mazelas humanas, com o habitual estilo irónico. Diferente de outras obras queirosianas, que recorreram geralmente a uma observação e narração na terceira pessoa, adequada à análise objectiva, em *O Mandarim* o escritor optou pela primeira pessoa, o que o ajudou a fazer manobras nesta ficção construída entre o real e a fantasia.

Em *O Mandarim*, Teodoro é seduzido e conduzido pelo Diabo para o mal. Na literatura europeia, o Diabo representa as tentações terrestres, e Eça de Queirós também demonstrou, na sua obra, como é que o poder do Diabo funciona em virtude dos aspectos obscuros do homem. Para evitar que este tema caísse em lugar comum, Eça de Queirós introduziu novos componentes, levando o protagonista de Lisboa para a China longínqua. Assim, com a participação do exotismo, o autor fez um enredo mais fantasista e atraente, sem que tivesse qualquer preocupação com o realismo ou naturalismo. Aliás, no discurso imagético

que o Ocidente tinha vindo a desenvolver acerca da China, esse país tinha todos os componentes que caracterizavam um mundo infernal e medonho, uma existência humana degradante. Neste sentido, não haveria outra terra mais aterrorizante do que a China para castigar um pecador como Teodoro.

No século XIX, com a melhoria dos meios de transporte, havia cada vez mais pessoas que visitavam o Oriente, e a narrativa sobre este espaço deixou de ser um privilégio reservado apenas aos poucos aventureiros, missionários, comerciantes ou diplomatas que lá viajavam ou viviam. Mesmo assim, para a maioria dos europeus, o Oriente continuava a ser um lugar misterioso. Não havia outro meio para conhecê-lo senão através dos relatos de terceiros, que culminaram na construção de um discurso superficial e estereotipado. Sobre esta superficialidade, escreveu Eça de Queirós:

“Mas esses povos da extrema ásia, por ora só os conhecemos pelos traços exteriores e excessivos do seu exotismo. Com certos traços estranhos de figura e traje, observados em gravuras, com detalhes de costumes e cerimónias, aprendidos nos jornais (artigo variedades) e sobretudo com o que vemos da sua arte, toda caricatural ou quimérica – é que nós formamos a nossa impressão concisa e definitiva da sociedade chinesa e japonesa”.<sup>9</sup>

Porém, é curioso ver que, sob a pena de Eça de Queirós, a figura do mandarim chinês teve origem neste discurso e apareceu de forma caricaturada: Quando Teodoro vitimou o mandarim com o mágico tocar da campainha e adquiriu a fortuna que tinha ambicionado, viu na sua cama que

“estirada de través, sobre a coberta, jazia uma figura bojuda de mandarim fulminado, vestida de seda amarela, com um grande rabicho solto; e entre os berços, como morto também, tinha um papagaio de papel”.<sup>10</sup>

A imagem do mandarim, na imprensa ocidental, era geralmente ridícula, tal como Eça de Queirós descreve: ele era opulento, estúpido, corrupto, perdido em prazeres, rodeado de concubinas, rigoroso em ritual, arrogante face ao subalternos, mas servil e bajulador perante o superior e o imperador. Estes aspectos, tanto físicos como morais, caracterizam uma imagem modelada que circula no discurso ocidental, sobretudo depois da generalização da imagem caricaturada do governador Ye Mingchen,<sup>11</sup> preso pelas forças militares

## LITERATURA

inglesas, em 1859. Mesmo Teodoro, depois de vestir-se “como um Chinês opulento, da classe letrada, para me ir habituando ao traje, às maneiras, ao cerimonial mandarim”, tinha a sensação de se identificar com um chinês:

“pelas misteriosas correlações com que o vestuário influencia o carácter, eu sentia já em mim ideias, instintos chineses: -o amor das cerimónias meticulosas, o respeito burocrático das fórmulas, uma ponta de cepticismo letrado; e também um abjecto terror do imperador, o ódio ao estrangeiro, o culto dos antepassados, o fanatismo da tradição, o gosto das coisas açucaradas...”<sup>12</sup>

A imagem dos chineses também não escapou ao discurso forjado naquele tempo. Logo no início do enredo, o mandarim Ti Chin-Fu foi morto por Teodoro a conselho do Diabo, que se fundamenta em boas razões:

“Agora pondere estes factos: o Mandarim, esse Mandarim do fundo da China, está decrépito e está gotoso: como homem, como funcionário do Celeste Império, é mais inútil em Pequim e na humanidade que um seixo na boca de um cão esfomeado. Mas a transformação da Substância existe: garanto-lha eu, que sei o segredo das coisas... Porque a terra é assim: recolhe aqui um homem apodrecido, e restitui-o além ao conjunto das formas como vegetal viçoso. Bem pode ser que ele, inútil como mandarim no Império do Meio, vá ser útil noutra terra como rosa perfumada ou saboroso repolho. Matar, meu filho, é quase sempre equilibrar as necessidades universais. É eliminar aqui a excrescência para ir além suprir a falta. Penetre-se destas sólidas filosofias”.<sup>13</sup>

O que corresponde à teoria de “luta pela sobrevivência” e de “seleção natural”, lançada em 1859 por Darwin, segundo a qual, a história dos seres vivos, é denominada como uma guerra entre as várias espécies animais, inclusive entre indivíduos da mesma espécie. Nesta competição, acabam por sobreviver apenas os mais fortes e os mais adaptados às circunstâncias, processando-se assim uma seleção natural.

Numa descrição de cenário em *O Mandarim*, encontramos numerosos elementos estereotipados veiculados pelas narrativas dos europeus sobre a China:

“Dos dois lados são - ora terrenos vagos onde uivam manadas de cães famintos, ora filas de casebres fuscas, ora pobres lojas com as suas

tabuletas esguias e sarapintadas, balouçando-se de uma haste de ferro. À distância erguem-se os arcos triunfais feitos de barrotes cor de púrpura, ligados no alto por um telhado oblongo de telhas azuis envernizadas, que rebrilham como esmaltes. Uma multidão rumorosa e espessa, onde domina o tom pardo e azulado dos trajes, circula sem cessar; a poeira envolve tudo de uma névoa amarelada; um fedor acre exala-se dos enxurros negros; e a cada momento uma longa caravana de camelos fende lentamente a turba, conduzida por mongóis sombrios vestidos de pele de carneiro. De repente ergue-se uma gritaria! Corremos: era um bando de presos, que um soldado, de grandes óculos, ia impelindo com o guarda-sol, amarrados uns aos outros pelo rabicho! Foi aí, nessa avenida, que eu vi o estrepitoso cortejo de um funeral de mandarim, todo ornado de auriflamas e de bandeirinhas; grupos de sujeitos fúnebres vinham queimando papéis em fogareiros portáteis; mulheres esfarrapadas uivavam de dor espojando-se sobre tapetes; depois erguiam-se, galhofavam, e um cooly vestido de luto branco servia-lhes logo chá, de um grande bule em forma de ave.

Ao passar junto ao Templo do Céu, vejo apinhada num largo uma legião de mendigos; tinham por vestuário um tijolo preso à cinta num cordel; as mulheres, com os cabelos entremeados de velhas flores de papel, roíam ossos tranquilamente; e cadáveres de crianças apodreciam ao lado, sob o voo dos moscardos. Adiante topámos com uma jaula de traves, onde um condenado estendia, através das grades, as mãos descarnadas, à esmola... Depois Sá-Tó mostrou-me respeitosamente uma praça estreita: aí, sobre pilares de pedra, pousavam pequenas gaiolas contendo cabeças de decapitados: e gota a gota ia pingando delas um sangue espesso e negro...”<sup>14</sup>

Nesta obra, Eça de Queirós mostrou-se como um bom conhecedor das coisas chinesas circulantes no seu tempo, mas também não se esqueceu de “filtrar” quase tudo com o seu estilo irónico: o bacharel amanuense do reino Teodoro, o mandarim Ti Chin-Fu, o general Camilloff e a sua “generalá”, os chineses, os *Yanmens* – máquina burocrática do império, a cidade de Pequim, bem como o Diabo que explora o lado perverso do

## LITERATURE

homem... No exercício de alteridade, o autor de *O Mandarin* recorreu ao imaginário colectivo e ao discurso dominante acerca da China, apresentando uma China infernal, a qual Teodoro teve de percorrer para conhecer a lição de que “só sabe bem o pão que, dia-a-dia, ganham as nossas mãos”.<sup>15</sup> Neste sentido, pode-se dizer que a China serviu como um cenário fantasista e exótico, apropriado para o desenvolvimento de uma temática, apesar de moralista, isenta de preocupações ou abordagens realistas.

Apesar de adoptar em *O Mandarin* o discurso orientalista estereotipado acerca da China, na realidade Eça de Queirós tomou uma atitude bem distinta em relação à China e aos chineses. Ele teve contacto com os trabalhadores chineses depois de ter assumido o cargo de cônsul de Portugal em Havana, altura em que muitos cules chineses foram vendidos de Macau para Cuba onde trabalhavam em fazendas espanholas. Como vieram de Macau, então colónia de Portugal, estes chineses tinham direito à protecção consular de Portugal. Portanto, durante a sua permanência em Havana, que não chegou a completar um ano, Eça de Queirós teve oportunidade de conhecer a situação dos trabalhadores chineses que viviam em condições desumanas, o que o levou a denunciar a importação de cules em Cuba, acusando os proprietários de Cuba de que “na véspera de perderem os escravos procuram desferrar-se pelos colonos e substituir subtilmente a escravatura importada à escravatura indígena”.<sup>16</sup> Posteriormente, a questão da emigração chinesa ainda foi abordada profundamente no seu artigo *Chineses e Japoneses*.

Catorze anos depois da publicação de *O Mandarin*, Eça de Queiroz publicou, de 1 a 6 de Dezembro de 1894, no jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, o artigo “Chineses e Japoneses”, no qual, para além de referir a questão da guerra sino-japonesa, analisando as eventuais causas desta guerra, ainda fez comentários sobre a identidade dos chineses, a emigração dos cules chineses, o futuro da China, bem com a visão tomada pela Europa face à China, etc... Diferente do discurso adoptado na obra *O Mandarin*, Eça de Queirós não poupou louvores à China, defendendo os chineses numa forma simpática, solidária e até idealizante, elogiando assim as qualidades impressionantes dos chineses:

“A China é um povo de quatrocentos milhões de homens (quase um terço da humanidade!), todos

extremamente inteligentes, de uma actividade formigueira, de uma persistência de propósitos e tenacidade só comparável à dos bull-dogs, de uma sociedade quase ascética e inacreditável capacidade de aturar e sofrer”.<sup>17</sup>

Ao falar da visão preconceituosa e caricaturizada que os europeus tinham sobre os chineses, Eça de Queirós atribuiu-a ao facto de que os europeus não conheciam a verdadeira China, por causa de terem um contacto periférico, limitado à orla marítima e aos seus portos comerciais, onde fervilhavam “aquela população chinesa, iletrada e grosseira, que se emprega nos misteres inferiores de barqueiro, carregadores, criado, moço de fretes, vendedores ambulantes”.<sup>18</sup> Poucos estrangeiros teriam coragem de se aventurar pelo interior do país, de forma que

“avaliar por esta baixa matula toda a sociedade chinesa, é como julgar a França pelos maltrapilhos que fervilham nos cais de Marselha, ou criticar o Brasil, e a sua educação, e a sua cultura, e a sua força social, pela gente baixa que carrega e descarrega fardos dos trapiches para os armazéns”.<sup>19</sup>

Este argumento, embora mal fundamentado, demonstra a atitude simpática do escritor de “Chineses e Japoneses”.

Perante o medo generalizado do “perigo amarelo”, que iria provocar uma mestiçagem oriental, Eça não se mostrou preocupado com esta ameaça. Para ele, não há um perigo de carácter racial, uma vez que o chinês é um trabalhador resistente, que não se queixa de salários baixos e toma o trabalho do europeu, e que depois de juntar algumas economias ainda voltará para a China, com o dinheiro do branco no bolso.

Para além disso, Eça de Queirós criticou a superioridade e o materialismo dos europeus que mediam tudo conforme o progresso material:

“Quando uma civilização se abandona toda ao materialismo, e dele tira, como a nossa, todos os seus gozos e todas as suas glórias, tende sempre a julgar as civilizações alheias segundo a abundância ou a escassez do progresso material, industrial e sumptuário. Pequim não tem luz eléctrica nas lojas; logo, Pequim deve ser uma cidade inculta”.<sup>20</sup>

Curiosamente, Eça de Queirós assumiu a voz de “nós” ao criticar a civilização da “nossa Europa”. No entanto, por trás desta identificação, existia

## LITERATURA

uma angústia: Portugal encontra-se numa posição semelhante à da China, com o império a ser repartido por nações europeias, facto esse que se tornou mais grave por causa do *Ultimatum* inglês de 1890. Em 1891, Eça de Queirós escreveu assim: “Recebendo cada o seu bocado da velha Lusitânia – cada Potência se cala e vai digerir para o seu canto [...]. Nós vamos repetir a história lamentável da Polónia.”<sup>21</sup> Sendo assim, a China passou a ser um *outro* de referência, pelo qual Eça de Queirós fez “uma crítica do discurso da identidade nacional, servindo-se de idealização do ser chinês como espelho remoto, vago e exótico das

próprias aspirações de recuperar na cultura própria uma nova força prodigiosa”<sup>22</sup>, como Orlando Grossegesse analisou ao prefaciar “Chineses e Japoneses”.

No meio das vozes unissonantes a desprestigiar a China, que ecoavam na Europa ao longo do século XIX, Eça tocou uma nota dissonante, mostrando-se como simpatizante da China. Entretanto, a imagem da China, tanto no discurso negativo em *O Mandarim*, como no discurso positivo em *Chineses e Japoneses*, foi sempre construída de acordo com as necessidades que o escritor sentia em termos políticos, sociais e literários. **RC**

## NOTAS

- 1 Ana Paula Laborinho, “China: Maravilhoso e Utopia nos Relatos dos Viajantes Portugueses Quinhentistas”, in Ana Margarida Falcão (org.), *Literatura de Viagens: Narrativa, História e Mito*, p. 176.
- 2 Manuela Delgado Leão Ramos, *António Feijó e Camilo Pessanha no Panorama do Orientalismo Português*, p. 42.
- 3 Francisco Maria Bordalo, *Um Passeio de Sete Mil Léguas*, p. 148.
- 4 Camilo Pessanha, “Prefácio ao Livro *Esboço Crítico da Civilização Chinesa*”, in Daniel Pires (org.), *Camilo Pessanha, Prosador e Tradutor*, pp. 125-126.
- 5 Camilo Pessanha, “Estética Chinesa”, *ibidem*, p. 115.
- 6 Edward W. Said, *Orientalismo*, p. 101.
- 7 *Ibidem*, p. 46.
- 8 Manuela Delgado Leão Ramos, *António Feijó e Camilo Pessanha...*, p. 48.
- 9 Eça de Queirós, *Chineses e Japoneses*, p. 33.
- 10 Eça de Queirós, *O Mandarim*, p. 52.
- 11 Ye Mingchen 叶名琛 (1807-1859), governador da província de Guangdong, foi preso pelas tropas inglesas na Guerra do Ópio e a sua imagem foi divulgada de forma caricaturada na imprensa ocidental.
- 12 Eça de Queirós, *O Mandarim*, pp. 87-88.
- 13 *Ibidem*, pp. 33-34.
- 14 *Ibidem*, pp. 92-93.
- 15 *Ibidem*, pp. 154-155.
- 16 Cf. João Guedes, “Macau, Eça, corso e o tráfico de cules”, in *Revista de Cultura*, Macau, n.º 7-8, Outubro de 1988, p. 46.
- 17 Eça de Queirós, *Chineses e Japoneses*, p. 38.
- 18 *Ibidem*, p. 39.
- 19 *Ibidem*, p. 39.
- 20 *Ibidem*, p. 35.
- 21 *Ibidem*, p. 18.
- 22 Orlando Grossegesse, “O Fantasma do chinês deschinesado”, in Eça de Queirós, *Chineses e Japoneses*, p. 15.

## BIBLIOGRAFIA

- Bordalo, Francisco Maria. *Um Passeio de Sete Mil Léguas*. Lisboa: Edição do autor, 1854.
- Falcão, Ana Margarida (org.). *Literatura de Viagens, Narrativa, História e Mito*. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.
- Pires, Daniel (org.). *Camilo Pessanha, Prosador e Tradutor*. Macau: Instituto Português do Oriente/Instituto Cultural de Macau, 1992.
- Queirós, Eça de. *Chineses e Japoneses*. Lisboa: Cotovia/Fundação Oriente, 1997.
- . *O Mandarim*. Lisboa: Livros do Brasil, [s.d.].
- Ramos, Manuela Delgado Leão. *António Feijó e Camilo Pessanha no Panorama do Orientalismo Português*. Lisboa: Fundação do Oriente, 2001.
- Revista de Cultura*, n.º 7-8. Macau: Instituto Cultural de Macau, Outubro de 1988.
- Said, Edward W. *Orientalismo*. Lisboa: Livros Cotovia, 1997.